

# MOACYR SCLiar, O MESTRE DA IRONIA

## Escritor gaúcho morto domingo tinha sua matriz ficcional no texto hebraico

**Felipe Fortuna**  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Convidado para participar dos debates literários da Conferência sobre o Futuro da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, em Brasília, em março do ano passado, Moacyr Scliar aceitou de pronto. E fez melhor: saiu a tempo de uma feira literária no interior do Rio Grande do Sul e, tendo falado sobre o seu processo criativo para o público brasileiro, ainda conseguiu seguir para Goiânia, onde havia outro evento no qual sua presença fora requisitada. Como percorria o País por gosto, nunca estava mal-humorado ou demonstrava cansaço. Pelo contrário: enquanto muitos escritores já se acomodavam nas poltronas de um saguão de hotel na capital, eis que Moacyr Scliar adentrava buliçoso, de calção e camiseta, suado e sorridente, pronto para abraçar seu amigo da Academia Brasileira de Letras, que vestia um paletó de três botões bem apumado.

Ao longo do dia, mantinha-se atencioso com as pessoas e misturava seus talentos de escritor e médico. Durante o almoço, falou sobre a dieta dos brasileiros pobres, em muitos casos aliada à baixa educação, o que produziria gerações e gerações de pessoas sem futuro. Controlava com rigor o que ele mesmo comia, e criticava as escolhas nutricionais dos amigos à mesa, que não sabiam dosar quantidade e qualidade. No meio da conversa, surgia então um provérbio judaico, uma explicação qualquer sobre um fato, fosse político ou religioso, à qual lembrava de adicionar uma anedota. Muitos comentaristas lembram que, nos livros de Moacyr Scliar, haveria perceptível influência de Franz Kafka – sobretudo nas parábolas e nos relatos curtos e altamente metafóricos. Mas a conversa naquele dia revelou a forte admiração do escritor brasileiro por Isaac Bashevis Singer, cuja ficção conhecia no mesmo nível de profundidade com que lembrava fatos da biografia e da correspondência



**Scliar.** Imortal da Academia de Letras combinava os talentos de escritor e de médico

do autor de *Zlateh, o Bode* (1969). Moacyr Scliar compartilhava com o escritor judeu-americano, nascido na Polônia, algumas características que logo o fariam menos identificado com Franz Kafka: em especial, o gosto do contador de histórias, do fabulista que evitava maior sofisticação, sem perder criatividade e crítica. Lembra-se, por exemplo, do conto *O Bolso não Esqueceu*, de Isaac Bashevis Singer, no qual o narrador impiedoso expõe os conflitos existentes na prática da religião e no uso do dinheiro, tudo imbuído da peculiar cultura judaica contida num provérbio. E compare-se o que o conto possa exibir de autoironia cultural com a novela *A Mulher Que Escreveu a Bíblia* (1999), no qual o humor de Moacyr Scliar serve pa-

\*  
EVITAVA MAIOR  
SOFISTICAÇÃO, SEM  
PERDER CRITIVIDADE  
E CRÍTICA

ra tornar patética a ideia da existência de “vidas passadas” e, ao mesmo tempo, de tornar verossímil a vida de uma mulher escriba, a mais feia das esposas de Salomão, que teria redigido páginas memoráveis da humanidade. Moacyr Scliar, mestre da ironia, manipula o conhecimento bíblico e os estereótipos mais sólidos da cultura judaica para, justamente, deslocá-los do seu centro gravitacional. O resultado são narrativas focadas nas sutilezas e nas tresloucadas dimensões da ação humana. Sim, a matriz ficcional de Moacyr Scliar é a *Bíblia* – e no reino do texto hebraico o escritor brasileiro opera por meio de desvios, questionamentos e revelações de incógnitas. Essa operação pode estar num conto que

flagra a humanidade literalmente faminta de Esaú, como em *Diário de Um Comedor de Lentilhas*, ou na descoberta de outra dimensão, muito menos aterrorizante, do castigo divino, como se lê em *As Pragas*. Paralelamente, porém, a sua ficção também é percorrida pelo exame da identidade – que pode assumir diversas feições: a identidade judaica, a identidade sexual, a identidade humana contraposta à animal, entre tantas identidades. Para a história contada em *O Centauro no Jardim* (1980) converge um complexo aparato de alusões e memórias literárias. O bicho mitológico tem um quê de Gregor Samsa, metamorfoseado “numa espécie monstruosa de inseto”, que agride primeiramente a ordem familiar. Mas também lembra o relato *Do Diário de Alguém Que Não Nasceu*, no qual Isaac Bashevis Singer cria um personagem “meio espírito, meio demô-

nio, meio ar, meio sombra, provido de chifres como um bode (...). Existo e não existo”. Guedali, o mitológico centauro, é a humana besta que busca entender cada uma das suas conflitantes metades. A sua monstruosidade o leva a conhecer, como se lê naquele livro, a monstruosidade praticada pelos nazistas, que tentaram transplantar metades de homens a metades de mulheres. E quando Guedali encontra sua cara-metade – uma mulher também centauro –, entra em cena a mãe dele, que exige uma mulher judia para levar o casamento adiante... É assim que Moacyr Scliar, escritor realizado, apresenta o chiaroscuro humano, com palavras de um mestre que eu conheci em ação.

\* **FELIPE FORTUNA** É POETA E DIPLOMATA, AUTOR, ENTRE OUTROS, DE *ESTA POESIA E MAIS OUTRA* (TOPBOOKS)